

# Recursos Humanos

## Sem capacitação, não há crescimento.

Se a meta do governo de exportação de *software* e serviços parece estar distante de se concretizar, um dos vilões é a ausência de mão-de-obra qualificada, e em larga escala, seja na base do conhecimento de TI, seja em línguas estrangeiras.

O Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Comitê de Assessoramento Técnico de Informática (CATI) recomendaram, no ano passado, um estudo à Softex para avaliar a qualidade do ensino em tecnologia no país. O levantamento indica um déficit corrente, de cerca de 17 mil a 20 mil profissionais.

O mapeamento revela também a origem desse saldo negativo num quadro desalentador: o país dispõe de 120 mil vagas universitárias e técnicas, todas voltadas para TI, mas só a metade delas é preenchida. E o quadro vai ficando mais assustador à medida em que se analisam o índice de formandos e a qualidade desses profissionais: das 60 mil vagas preenchidas, apenas 20 mil se formam. Desses profissionais, apenas 30% teriam condições reais de suprir as necessidades do mercado. O estudo é a bússola orientadora do Programa de Formação de Capital Humano em Software/Plano de Investimentos 2006-2012, projeto de formação e qualificação de recursos humanos que está sendo elaborado pela Sepin (Secretaria de Política de Informática) do Ministério da Ciência e Tecnologia. Até agosto, o projeto, anunciado em 2004 e estimado inicialmente em R\$ 500 milhões, não foi colocado em prática e tampouco saiu do âmbito das conjecturas: aguarda um parecer do ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia. Apesar da morosidade, existe a disposição do MCT de articular a sua execução junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e ao Ministério da Educação. O envolvimento de tantos órgãos estaria dificultando a operacionalização do projeto.

Para o coordenador de capacitação da Softex, Eratóste-

nes Ramalho de Araújo, os jovens não têm se interessado pelo setor de TI tanto quanto seria necessário. "Para reverter esse quadro, seria necessário o lançamento de uma política de atração", defende. Ione de Almeida Coco, vice-presidente da área de programas executivos do Gartner para América Latina, avalia que não existe alinhamento entre o meio acadêmico e o mercado, já que a maior parte das universidades continua formando profissionais para o cenário dos anos 90. "A tecnologia muda rápido e as empresas exigem trabalho em equipe e flexibilidade. As universidades não estão preparando (os poucos) profissionais para essa realidade", diz Ione. "Em 2005, até se avançou (no campo das discussões), mas ainda falta muito para que as empresas, principalmente as de serviços em *software*, tenham realmente condições de competir no mercado internacional", analisa o CEO da Datasul, Jorge Steffens. "As grades curriculares universitárias e técnicas estão defasadas e o governo, como regulador, deveria sinalizar medidas para se elevar a qualidade das academias".

A gerente de operações de serviços educacionais da multinacional Sun Microsystems, Débora Palermo, avalia que o cenário atual está muito competitivo para a área do conhecimento ficar estática. "É preciso estimular o jovem brasileiro, mas o estudante tem de se deparar com um ensino de qualidade", argumenta Débora.

E se o governo não vem ao mercado, a Sun decidiu ir ao governo. "Estamos conversando com o meio acadêmico para formatar um modelo de parceria com o governo", informa Débora. Com isso, a Sun pretende contribuir com processo de adequação do ensino à realidade. Enquanto conversa com o governo, a Sun toca os próprios projetos de educação. Em 2005, criou três programas de capacitação em Java e firmou parceria com uma instituição financeira (o banco Real ABN Amro) para financiar os cursos em até dez meses.